

A CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS POPULAR EM SÃO PAULO*

Ângela Cecilia S. Rodrigues

O objetivo do trabalho foi descrever a realização da regra de concordância verbal na língua popular na cidade de São Paulo, o que correspondeu a um estudo de língua portuguesa em seu contexto social, com vistas a definir uma possível sistematicidade das relações entre organização socio-cultural e uso lingüístico.

A tese parte do pressuposto de que a concordância verbal é uma área da gramática que está intimamente entrelaçada com os domínios social e cul-

tural, donde a aplicação dessa regra por parte de falantes analfabetos ou semi-escolarizados ser diferente da sua aplicação na língua padrão escrita, na fala normal das classes educadas ou de estratos socio-econômicos superiores e nos veículos de comunicação de massa, situações em que a regra aplicada geralmente é a preconizada pela gramática normativa.

Para confirmar a hipótese, a autora desenvolveu um estudo metódico de material de língua

falada recolhido em comunidades de favelados da periferia de São Paulo, estudo que se efetuou em três momentos diferentes, igualmente fundamentais para a descrição sociolingüística da regra de concordância verbal:

1.º) Coleta de dados de fala real em 40 entrevistas de 30 minutos de duração cada uma, com adultos favelados de nula ou baixa escolaridade, escolhidos aleatoriamente e caracterizados em função de 4 fatores previamente estabelecidos: Sexo, Idade (três faixas etárias: 20 a 35 anos; 36 a 50 anos; mais de 51 anos), Nível de Escolaridade (nula; 1.ª a 4.ª série) e Procedência.

Todas as entrevistas foram transcritas segundo um feixe de normas estabelecido em função dos objetivos da pesquisa: o estudo de aspectos morfossintáticos do português oral não exigiu transcrição fonética, mas apenas a representação gráfica de realizações fonéticas que apresentassem alguma relação com o problema gramatical estudado. Dessas transcrições, foram selecionadas as ocorrências: 2 049 orações com sujeito de 1.ª e 3.ª pessoas do plural a que, em tese, devem corresponder formas verbais marcadas de plural.

2.º) Caracterização da variedade lingüística dita popular e descrição das comunidades que serviram de suporte para reflexões sobre esta variedade lingüística.

3.º) Estudo da regra de concordância verbal com os sujeitos de 1.ª e 3.ª pessoas do plural na língua popular falada em São Paulo como exemplo indiscutível de regra variável, porque facultativa (ora se aplica, ora não se aplica, em função de condicionantes de diferente natureza); além disso, partiu-se do pressuposto de que a regra de concordância verbal estaria passando por um processo de mudança na gramática popular.

Com o intuito de analisar, ou medir, a produção dos informantes relativa à concordância verbal, a autora procurou, então, verificar se o apagamento de marcas formais do verbo, indicativas de sua concordância com o sujeito plural correspondente, ocorre com a mesma frequência, ou tem a mesma probabilidade de ocorrer, tanto na 1.ª como na 3.ª pessoas gramaticais do plural. Buscou ainda estabelecer os fatores lingüísticos e sociais que, em tese, favorecem ou desfavorecem o uso das variantes padrão e não-padrão, ou seja, depreender os fatores

* Tese de Doutorado em Língua Portuguesa apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Edith Pimentel Pinto

condicionantes da aplicação de regra variável de concordância verbal e avaliar a importância relativa de cada um deles.

O suporte teórico para a tese foi fornecido por Labov, cujo paradigma da regra variável supõe um estudo da variação lingüística necessariamente de natureza quantitativa, en-

volvendo cálculos de frequência e probabilidade de aplicação da regra em questão. As técnicas para descrição e análise da variação foram sugeridas por Cedergren e Sankoff (1974); para o tratamento estatístico dos dados foi utilizado o programa computacional Varbrul, versão 1986.

INSTANCIA

*Alcides Villaça **

Quem volta ao lugar perdido
quer ver o tempo.
Não vê a casa, o muro, o degrau mais fino:
sonha em bater no coração o antigo.

Espanta a resistência daquela árvore,
a mesma e outras florações depois.
Espanta a cor fiel dos azulejos,
tão fiel a si mesma, estranha agora.

Quem volta já não mora no outro tempo,
embora imite o olhar original.
Pois quem volta medita. Não cruza o corredor
como planava sempre a mosca distraída.

Pode-se sentar na escada, prover os olhos
com a vida da paisagem inocente.
Livre-se o coração para a verdade
daquela árvore, à espera de outro amor.

* Alcides Villaça, Professor de Literatura Brasileira da USP.